

DESCOMPASSOS DAS CIDADES MODERNAS EM ANGOSTA DE HÉCTOR ABAD: UM ESPELHO DAS METRÓPOLES LATINO-AMERICANAS

VOLKER KARL LOTHAR JAECKEL
Universidade Federal de Minas Gerais
volkerjae.yahoo.de
ORCID: 0000-0002-0345-8493

ARTUR PEREIRA DA SILVA
Universidade do Estado da Bahia
arturpereira253@gmail.com.br
ORCID: 0000-0001-7848-7857

RESUMO

O presente artigo pretende discorrer acerca das complexas dinâmicas e descompassos da urbe moderna através do romance *Angosta: a cidade do futuro*, do escritor colombiano Héctor Abad Faciolince. Para entender as vivências e as experiências das personagens imersas no espaço urbano caótico e violento da sociedade capitalista globalizada, o estudo preterido recorre aos postulados teóricos de Garramuño, Ludmer, Bourdieu, Derrida, Sarlo, Ette, entre outros autores que auxiliam na compreensão das imbricadas relações entre literatura, cultura e sociedade. Nesta perspectiva, coteja-se abordar a construção identitária do sujeito fragmentado em meio às inconstâncias da cidade e do imaginário urbano.

PALAVRAS-CHAVE: literatura, globalização, cidade, imaginário e violência.

DESCOMPASSOS DE CIUTATS MODERNES A ANGOSTA D'HÉCTOR ABAD: UN ESPIR DE LA METROPOLIS LATINOAMERICANA

RESUM

Aquest article pretén debatre sobre les complexes dinàmiques i desajustaments de la ciutat moderna a través de la novel·la *Angosta: la ciutat del futur*, de l'escriptor colombià Héctor Abad Faciolince. Per tal d'entendre la vida i les vivències dels personatges immersos en l'espai urbà caòtic i violent de la societat capitalista globalitzada, l'estudi obsolet recorre als postulats teòrics de Garramuño, Ludmer, Bourdieu, Derrida, Sarlo, Ette, entre altres autors que ajuden en la comprensió de les relacions entrelaçades entre literatura, cultura i societat. En aquesta perspectiva, comparem abordant la construcció identitària del subjecte fragmentat enmig de les inconstàncies de la ciutat i de l'imaginari urbà.

PARAULES CLAU: literatura, globalització, ciutat, imaginari i violència.

MISMATCHES OF MODERN CITIES IN *ANGOSTA* BY HÉCTOR ABAD: A MIRROR OF LATIN AMERICAN METROPOLISES

ABSTRACT

This article intends to discuss the complex dynamics and mismatches of the modern city through the novel *Angosta: the city of the future*, by the Colombian writer Héctor Abad Faciolince. In order to understand the experiences and experiences of the characters immersed in the chaotic and violent urban space of the globalized capitalist society, the neglected study resorts to the theoretical postulates of Garramuño, Ludmer, Bourdieu, Derrida, Sarlo, Ette, among other authors that help in the understanding of the overlaps. relations between literature, culture and society. In this perspective, we compare the identity construction of the fragmented subject in the midst of the inconstancy of the city and the urban imaginary.

KEYWORDS: literature, globalization, city, imaginary and violence.

Do céu ao inferno, do frio ao calor, da riqueza à miséria, da igualdade à desigualdade, da empatia à apatia, do amor ao ódio. Essas antíteses, distantes de reducionismos, caracterizam a cidade fictícia Angosta, concebida pelo conhecido escritor colombiano, Héctor Abad. Angosta é uma ficção sobre o tempo presente, uma cidade do futuro, repleta de luxações e fraturas expostas da urbe moderna, marcada pelas mazelas globais desses tempos de agudas contradições sociais.

1. INTRODUÇÃO

O foco central do presente trabalho não é a mera descrição da metrópole nem a exposição da história da violência e da desigualdade social que marcam as cidades latino-americanas. Como a obra de Abad é uma representação das contradições nas sociedades hodiernas, fortemente influenciadas pelo modelo econômico do capitalismo, este estudo pretende discorrer sobre os retratos da vida contemporânea, sobretudo, as relações de poder e controle social emergentes de disputas econômicas e territoriais na cidade, a fim de cotejar se tais alegorias desencadeiam fissuras nos conceitos de realidade e ficção.

Nesse âmbito, é fulcral pontuar que a narrativa distópica em torno da cidade imaginária *Angosta* leva o leitor a refletir sobre os conflitos e as ideologias político-econômicas que atravessam as sociedades americanas. Não apenas isso, é válido acrescentar que nas escrituras literárias contemporâneas a realidade é materializada na ficção e, conseguinte, os cenários ficcionais se tornam pano de fundo para denúncias de problemas que afligem o sujeito imerso em crises, por causa dos descompassos da urbe moderna.

Com base nisso, o contexto sociocultural colombiano não passa despercebido ao olhar sensível e crítico do escritor Héctor Abad, que representa o real e remete o leitor a indagar o contexto em que está inserido. Sob esse prisma, por pautar-se na análise das interseções da literatura contemporânea com as cidades modernas, este estudo é consubstanciado pela perspectiva de Giorgio Agamben (2009: 58) com a finalidade de compreender que o contemporâneo é o

intempestivo, porquanto que não coincide perfeitamente com o seu próprio tempo e não se enquadra nas pretensões atuais. Portanto, o contemporâneo constitui-se pelo deslocamento e anacronismo, expressando “uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias” (Agamben 2009: 59).

Este cerne teórico torna viável a análise conduzida, que compreende a literatura contemporânea como um dispositivo capaz de representar não apenas o seu tempo, mas de perceber a existência e misturar eras distintas, além de possuir o atributo de vislumbrar o porvir. Dito de outro modo, entende-se neste trabalho que a literatura contemporânea desempenha um papel *sine qua non* no estabelecimento de relações, na manutenção e na mudança de certa ordem social, posto que suscita reflexões profundas e profundas a respeito da exclusão social presente nas metrópoles da América Latina, como também evidencia as problemáticas decorrentes do crescimento vertiginoso das cidades. Em face disso, a literatura torna ainda mais latente a divisão de classes sociais, bem como os mecanismos de segregação e artimanhas de controle do corpo social, engendrados no bojo do sistema capitalista.

Partindo deste panorama conceitual norteador, é válido acrescentar, não exaustivamente, que este estudo se estriba no viés crítico de que “o contemporâneo pode ser apreendido como uma dobra reflexiva sobre o presente, um modo crítico de lidar com o nosso tempo” (Pedrosa e Andrade 2018: 157-158). Nesta dobra reflexiva sobre o presente, é possível analisar o livro *Angosta: a cidade do futuro* como uma representação da *pólis* moderna, dado que permite pensar a cidade, a arte e a sociedade como universos que possuem interseções e se permeiam. Paralelo a isso, além dos personagens e suas emoções, os cenários onde se desenrolam as ações são importantes para entender as sutilezas da trama abadiana. A cidade torna-se, assim, um elemento pulsante, vivo, poderoso e essencial que delinea a história, e ao mesmo tempo, é também um componente acolhedor ou excludente, que ora revela as belezas do urbanismo ora desvela a violência e os horrores da segregação socioespacial.

Diante disso, o livro escrito por Abad condensa, com maestria, os descompassos das cidades latino-americanas e as crises que eclodiram recentemente nessas metrópoles em decorrência da globalização acelerada. Logo, *Angosta* é um campo fértil para discussões significativas acerca de dinâmicas sociais e desigualdades que assolam muitas localidades do mundo, sendo uma potência que reflete as mazelas numa cidade imaginária, de um futuro não determinado, mas que, mesmo assim, sua realidade distópica está próxima do leitor.

2. RETRATOS DA CAPITAL DO FUTURO/PRESENTE

Não por acaso, *Angosta* é a capital de um país qualquer, porque é uma cidade global, um resumo do mundo, onde existem grupos minoritários que detêm

todos os recursos e exercem o poder sobre os demais. Por isso, a metrópole opressora criada por Héctor Abad é situada no futuro, mas —e principalmente— é um retrato da urbe do presente, pois escancara problemas reais, como a segregação espacial, a urbanização, a migração, a discriminação e as rotineiras ingerências governamentais.

O romance abadiano começa com uma descrição minuciosa da localização geográfica de Angosta, no território noroeste da América meridional, na cordilheira dos Andes, cheia de riquezas naturais. Um lugar de temperatura monótona, porém agradável, onde não há secas prolongadas nem chove em demasia; onde não há furações nem erupções vulcânicas; uma terra fértil, de vegetação exuberante, onde a intensidade da luz é incomparável; os animais numerosos e mansos com o homem (Abad 2015: 7). Com exceção dessas riquezas naturais e do clima que é perfeito, em Angosta tudo está errado, o que poderia ser o paraíso se transformou num inferno, como se percebe no excerto abaixo:

A capital desse curioso lugar da Terra chama-se Angosta. Seus habitantes vivem num lugar único e privilegiado, porém não se dão conta disso, nem cuidam dele. O lugar foi uma aldeia modorrenta e quase arcádica por três séculos; depois, de repente, em menos de cinquenta anos, cresceu tanto que não coube na bacia das várzeas e dos primeiros contrafortes da cordilheira. No vale temperado e fértil onde foi fundada, já não resta sinal da mata nativa. Hoje o território inteiro é ocupado por uma metrópole de ruas intrincadas, prédios altos, fábricas, centros comerciais e milhares de casinhas de tijolo que se encarpitam pelas encostas das montanhas. (Abad 2015: 18)

Essa visão da paisagem abre o romance, no momento em que a personagem principal, Jacobo Lince, lê a descrição acima num livro antigo, contendo os detalhes sobre a localização geográfica de Angosta. Consecutivamente, informa-se o leitor acerca dos motivos históricos que levaram a cidade à divisão socioespacial que marca profundamente a vida das pessoas. A metrópole fictícia possui a particularidade de ser uma cidade estreita —não só no nome, com “três andares, três grupos humanos e três climas” (Abad 2015: 18). Esse espaço fraturado, acometido por vários males e segregador, pode ser notado no trecho a seguir:

Em Terra Caliente, em torno do Salto De los Desesperados e da Boca del Inferno e nas encostas que sobrem para Tierra Templada, há milhões de tercerones (esgotadas as minas, os dones voltaram para Terra Fría, conservando de baixo apenas os títulos de propriedade das fazendas); no Vale do Túrbio e nas primeiras colinas se amontoam centenas de milhares de segundones; e acima, no planalto de Paradiso, refugia-se a escassa casta dos dones, numa aprazível cidade bem planejada, limpa, moderna, infiel e às vezes fiel irritação de uma urbe do Primeiro Mundo encravada num canto do Terceiro. (Abad 2015: 17)

Os resultados dessa segregação dos três grupos sociais (Terra Fria – F, Terra Temperada – T, e, Terra Caliente – C) são nefastos, visto que, gratuitamente, a divisão espacial impede qualquer reconciliação entre as esferas sociais, tornando o ambiente urbano extremamente intolerante e violento. Acresce ainda que as

disparidades sociais das três classes são acentuadas, especialmente, após a criação da Política do Apartamento, uma lei que restringe a livre circulação dos *segundones* e *tercerones* à camada privilegiada da sociedade, *Paradiso*. Para que o regime lograsse êxito, foram construídos muros, barreiras de arame farpado e cerca elétrica para afastar as pessoas da base da pirâmide social das riquezas dos *dones*. Dessa maneira, a segregação atinge graus superlativos na obra, tendo em vista que todas essas estratégias de segurança social são táticas para manter as pessoas provenientes de outras castas longe dos habitantes de *Paradiso*, que chamavam os mais vulneráveis de pestes que deviam estar distantes do *Sektor F*. Este cenário urbano coincide e se confunde com a realidade social das cidades latino-americanas, que são marcadas por dinâmicas complexas de inclusão e de exclusão social, em decorrência da crescente polarização econômica que hierarquiza e classifica os sujeitos nos espaços urbanos (Janoschka *apud* Toro 2013: 6-7).

Em virtude dos preceitos do *Apartheid*, a única forma legal de acesso dos *segundones* e *tercerones* à *Tierra Fría* é através do *check point* e das zonas de imigração, após conseguirem o salvo conduto para entrar no setor mais favorecido da cidade com a finalidade de trabalhar. Fora isso, para morar no *Sektor F* e receber as regalias dos *dones*, é preciso comprovar fortuna igual ou superior a um milhão de dólares, não importam as origens étnicas, familiares ou geográficas do postulante a residente permanente. Por meio desses descompassos da realidade, retratados na obra, os problemas sociais oriundos do espaço urbano desigual são denunciados, mediante a dialética misérias x privilégios. Uma camada minoritária detentora do capital possui excessos de oportunidades e bens de serviços, enquanto do outro lado do muro (invisível ou literal), os grupos que não possuem poder aquisitivo são excluídos da vida urbana, marginalizados e cerceados de direitos básicos.¹

A vida dos personagens de *Angosta* é atravessada pela violência e desigualdade, tendo suas vivências afetadas pela realidade opressora da cidade. No livro, é possível perceber a tessitura de um mosaico social complexo, permeado por redes de controle, num jogo dialético, em que se perpetua o discurso da camada social hegemônica, possuidora de cabedal financeiro, e por conta disso, marginaliza, exclui e bane todos os vestígios do outro, com o propósito de silenciar e/ou coagir, por intermédio da violência simbólica, os grupos pertencentes às camadas inferiores da sociedade.

Esta configuração desigual da cidade projeta imagens do espaço urbano cartesiano e objetual. Por outro lado, também pairam na urbe dimensões e aspectos subjetivos que asseguram a vitalidade das relações humanas, até porque a cidade é um organismo vivo, pulsante, fluído e movente; além de um local carregado de

¹ Nesse sentido, o romance de Abad dá continuidade a uma longa tradição de narrativas urbanas latinoamericanas, cujo precursor foi o argentino Roberto Arlt que, já nos anos vinte do século passado, retratou magnificamente a vida dos marginalizados e excluídos da cidade bonaerense nos seus romances e nos seus *Aguafuertes* (cf. Jaeckel 2021: 167-188).

símbolos que desencadeiam expressões e informações do sujeito cidadão. Assim, a cidade não se restringe aos limites do espaço geográfico, pelo contrário, a cidade é escrita, configurada e determinada pelas narrativas e pelas experiências das personas, a partir da somatória de símbolos que são construídos e destruídos no imaginário urbano.

Por este ângulo, a cidade Angosta pode ser investigada partindo da cartografia física, delimitada por um desenho territorial, mas também por meio da cartografia simbólica, isto é, pelas construções imaginárias que emergem do espaço urbano por seus habitantes e os seus modos de habitar. De igual forma, Angosta é uma cidade que se expande estreita, sufocada pela topografia andina e limitada pelas construções literais de muros de contenção segregadores. Todavia, existe outra Angosta imaginária que converge as experiências dos atores sociais movidos por sentimentos que coincidem, por exemplo, os habitantes das castas T e C partilham do medo derivado de um contexto opressor e violento.

Não muito distante da narrativa abadiana, o alto índice de violência nas metrópoles latino-americanas está relacionado com o crescimento desordenado de cidades sem infraestrutura, com o espaço geográfico insuficiente e inadequado para todos os habitantes. Soma-se a isso o narcotráfico como fator preponderante para os números exorbitantes de casos de violência nas cidades do continente. Simultaneamente ao comércio —nacional ou internacional— de drogas e outras práticas ilícitas, nota-se na urbe moderna a insurgência de grupos paramilitares e milícias que estabelecem poderes paralelos marcados pela exploração adicional do povo, uma vez que mais regras são impostas à população com o uso da violência física e psicológica.

Nessa lógica, é indubitável a máxima de que poder e violência são termos próximos (Benjamin 2016) que se confundem e se fundem. Essa relação entre ambos ajuda na compreensão da violência simbólica, principalmente, porque ela está relacionada com as ações da máquina estatal. Nesse viés, Pierre Bourdieu (2000) versa que a violência simbólica é um poder invisível exercido com a cumplicidade dos assujeitados, posto que esse tipo de poder

[...] só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário... O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na *legitimidade* das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. (Bourdieu 2000: 14-15)

O poder simbólico é exercido legitimamente, de forma invisível. Neste sentido a sua estrutura se constitui simbolicamente e, por vezes, não se apresenta como violento, porém, assume e exerce a função capaz de manipular o senso comum, nomear e investir valor por todo grupo, pois é depositário das crenças dele. Quando o poder do Estado é centrado na violência simbólica, outras formas de violência parecerão naturais para o povo que aceitará encarceramentos, torturas e morte, entre outras atrocidades.

Dito isto, é possível regressar à cidade ficcional Angosta e perceber os mecanismos de controle social no discurso totalitário dos Sete Sábios, um grupo de políticos e milionários do Sektor F que participam ativamente na criação das leis e financiam a violência nos outros setores da metrópole, eliminando inimigos políticos e qualquer habitante que resolva pensar demais em Angosta. Para atender os ditames desse clã político, os paramilitares garantem o cumprimento das ordens instituídas, por meio de tortura e assassinatos. Dessa maneira, Angosta é a recriação da sociedade dominada por uma casta que exerce o poder simbólico e engendra meios para controlar a população impotente, reprimida e submetida a um medo paralisante, que faz normalizar as mais diversas formas de violência.

Com efeito, Angosta é a alegoria de uma sociedade composta por fronteiras visíveis e invisíveis, fomentadas por uma minoria excludente que expande suas ações por toda geografia física e humana do local. É justamente o grupo de sábios que ordena a instalação de postos de controle para garantir a segurança do Sektor F, a fim de que nada nem ninguém interfira nos interesses sórdidos e nos fins lucrativos dos detentores do poder econômico e político da cidade ficcional. As artimanhas silenciosas dos Sete Sábios podem ser constatadas no seguinte trecho:

Os angostenhos, ao não sentirem sua cidade como um refúgio seguro, sofrem uma espécie de desenraizamento, ou exílio interior, e não puderam assumir com tranquila passividade e sereno espírito imitativo o velho tópico do louvor à própria terra. Seus governantes às vezes tentam, o elogio lírico e sentimental, chegando a pagar salário a poetas oficiais que conseguem no máximo escrever hinos que parecem paródias de si mesmos. Angosta não é um lugar acolhedor. Mais que o lugar de encontro que se costumam as cidades, transformou-se na encruzilhada do assassinato, no local do assalto, na voragem de uma vida perigosa e muitas vezes miserável. (Abad 2015: 67)

Com a descrição desse panorama, observa-se que são introduzidos aparatos ideológicos na cidade angostenha, com o fito de ludibriar os habitantes dos setores T e C a aceitarem a normalidade da segregação imposta pelos governantes, que até contratam poetas para tecerem elogios ao local e camuflar os problemas agravados pela Política do Apartheid. Por conseguinte, Angosta transformou-se numa metrópole perigosa e opressora, sendo que, quando Jacobo e seus amigos se manifestam contra as instituições do Sektor F, estes são silenciados, intimidados por forças obscuras que recorrem ao sequestro, à tortura, ao desaparecimento ou à morte, como instrumentos de apagamento dos críticos ao regime dos sábios.

A despeito dessa realidade social que se aproxima do livro em análise, o escritor uruguaio Eduardo Galeano afirma que após o crescimento da produção do café na Colômbia, eclodiu, junto à monocultura, a violência.

Os elogios ao café, na verdade, não tinham interrompido, como num passe de mágica, a longa história de revoltas e repressões sanguinárias na Colômbia. Desta vez, e durante dez anos, entre 1948 e 1957, a guerra camponesa abarcou minifúndios e latifúndios, desertos e sementeiras, e vales e matas e páramos andinos, compeliu ao êxodo comunidades inteiras,

gerou guerrilhas revolucionárias e bandos de criminosos, e transformou o país num cemitério: calcula-se que deixou um saldo de 180 mil mortos. (Galeano 2012: 96)

A ordem social colombiana recebe novos contornos após 1960, com a tradição do tráfico, a cultura da violência, a ausência e a ilegitimidade do Estado. Segundo Olivier Dabène (1996), essa conjuntura tornou-se ainda mais fluída nos anos 80, em virtude do comércio de drogas ter ocupado o centro da dinâmica econômica, política e social da Colômbia, e por extensão, de outros países da América Latina, como a Bolívia e o Peru. Em terras andinas, o narcotráfico desencadeou uma série de lógicas perversas, resultando num óbice que afetou o processo de (re)democratização, ao ponto de que a palavra democracia possuir aglutações pejorativas, como p.e. narcodemocracia. O narcotráfico alimentou campanhas políticas e influenciou diretamente em decisões governamentais, sobretudo, nas décadas de 80 e 90 do século passado. Um exemplo dessa interferência político-social é descrito no artigo de Dabène (1997), quando fala sobre Pablo Escobar.

Escobar creó un movimiento cívico, el Civismo en marcha, y fue elegido en 1982 diputado suplente en la Cámara de representantes. Se acercó de Luis Carlos Galán, un líder liberal que desearía renovar el paisaje político, pero se alejó de él cuando Galán pronunció, en Medellín, un discurso criticando la penetración de los métodos mafiosos en la vida política. La clase política, que aceptaba el dinero de Escobar para financiar las campañas electorales, no permitía la entrada en su seno de este *outsider*. (Dabène 1997: 8)

Em Medellín (cuja transcrição para o futuro seria a cidade Angosta), assim como em outras megalópoles latino-americanas, a classe política aceitou o dinheiro de narcotraficantes para financiar campanhas eleitorais. Quando não participavam diretamente da vida política, os cartéis penetravam sorratoriamente nos governos e manipulavam de fora, como a máfia italiana faz. Essa estratégia menos midiática foi adotada pelos narcotraficantes colombianos em decorrência de medidas antidrogas do governo, previstas na Constituição Federal de 1991.

A alusão às cenas da história colombiana propõe reflexões sobre a necessidade de lembrar, rememorar e (re)examinar o passado de revoluções e (in)dependências dos países da América Latina. Para conhecer o pretérito e os motivos das configurações políticas e econômicas hodiernas, é preciso revisitar na memória o contexto histórico recente desses países, apesar das tensões existentes entre o ato de lembrar e de esquecer (Sarlo 2007: 10). Sobre isso, a escritora argentina Beatriz Sarlo ressalta a importância de entender o passado dos países do sul da América, com todos os traços de escravidão prolongada e república tardia, para quiçá o futuro seja distante do presente porque [o passado]

continua ali, longe e perto, espreitando o presente como a lembrança que irrompe no momento em que menos se espera ou como a nuvem insidiosa que renda o fato do qual não se quer ou não se pode lembrar. (Sarlo 2007: 9)

Por não desconsiderar o passado dos países da América Latina nessa breve análise, é possível aproximar o desenvolvimento das metrópoles ao progresso da cidade fictícia Angosta, marcada também pela desigualdade, segregação e setorização das castas sociais. Angosta é um lugar de “veias abertas”, porque nela a violência está presente e é simulada, para a manutenção dos sistemas de controle social. Nesse sentido, as marcas da violência estão em efeito superlativo nas classes menos favorecidas, a Terra Temperada e a Terra Caliente. Prova disso, é a visão intolerante dos *dones* a respeito dos habitantes das outras classes sociais, como a discussão entre Jacobo (segundone) e o marido da sua ex-mulher (done):

O ideal da fraternidade universal é irrealizável, em primeiro lugar porque você abaixo, em Terra Quente (assim como na África, ou na Índia, ou em todo Terceiro Mundo), reproduzem-se como coelhos, não detêm o desejo ou fertilidade, copulam freneticamente, e dão à luz, dão à luz, não param de dar à luz, e nossa única solução de defesa demográfica é mantê-los lá, trancados, e se eles insistem em vir, matando-os. (Abad 2015: 244)

Após a imersão nesse ambiente hostil de controle e coação social, fica mais fácil apreender a dinâmica das personagens de Angosta, que também são divididas em grupos e políticas que definem a organização do romance. Luz Maria Giraldo, afirma que os romances desenham “mapas invisíveis e fronteiras indecisas da cidade”, e com isso, oportunizam “o estabelecimento de diferentes dinâmicas de encontro humano e de experimentação” (Giraldo *apud* Jaeckel e Estupiñán 2018: 57). À vista disso, o cenário urbano além de ser um aglomerado de ruas, praças, casas, prédios e estabelecimentos públicos e privados, é a soma da vida dos sujeitos em estado de constantes metamorfoses, bem como das cidades modernas em constantes transformações.

A cidade Angosta possui regras próprias e procedimentos que determinam a formação das classes sociais, o que impacta a vida das personagens gerando profundos significados e experiências a partir dos espaços que são permitidos. A vivência dos sujeitos ficcionais em cada *loco* restrito, ou seja, em cada camada social, propicia a partilha de sentimentos e “valor ao fato de habitar” determinados espaços (Jaeckel e Estupiñán 2018: 57). Sob esse prisma, a identidade dos sujeitos é moldada pelas incessantes trocas e doações culturais inerentes à urbe, já que a cidade

pode ser vista como um conjunto de símbolos, metáforas, ideias e imagens que constrói múltiplos imaginários, que são produtos da experiência cotidiana e dos conflitos simbólicos entre os indivíduos, grupos e classes que o compõem. (Jaeckel e Estupiñán 2018: 57)

Na narrativa da cidade Angosta encontra-se a personagem Jacobo Lince que representa um grupo que compartilha ideais revolucionários, haja vista que discorda da política do apartamento e das intransigências dos sábios do Sektor F que abusam do poder conferido a eles. Compõe este primeiro agrupamento o

poeta Andrés, o médico Burgos, os livreiros Quiroz e Jursich, o matemático Dan, entre outros defensores da igualdade social e críticos ao alarmante índice de violência local.

A história destes personagens gira em torno, principalmente, do Sebo La Cuña, localizado no Barriotriste, Sektor T, que pertence a Jacobo. Do outro lado, o outro sujeito cultural é composto por um grupo nomeado de Sete Sábios, que pensam, falam e agem de modo uníssono, bem como exercem influência opressora sobre todos os angostenhos, amedrontados por paramilitares e auxiliares que executam com eficiência e pontualidade as ordens recebidas dos dones, que compõem esse clã político.

Diante disso, é nítido que o contexto onde os personagens vivem é determinante para a construção cultural e ideológica dos sujeitos. Na cidade de Angosta, em decorrência da segregação socioespacial, os indivíduos são objetificados, sendo que as castas da sociedade são também reproduzidas na divisão e no acesso aos andares do Hotel La Comedia, localizado em Tierra Templada.

O antigo hotel pertence ao Sr. Reys e, mesmo em estado de total decadência, comporta a maioria dos personagens do Sektor T. Após a política do Apartheid e com a progressiva deterioração do vale, os dones começaram a se isolar em Tierra Fría, e por isso, o hotel foi decaindo até perder suas estrelas e ser rebaixado à condição de pensão. Este albergue não foge à regra da segregação social que atinge as classes menores favorecidas, pois os hóspedes mais abastados ocupam os primeiros andares, enquanto no alto, “no último andar, além da lavanderia e das caixas-d’água, fica o ‘galinheiro’, uma galeria de quartos minúsculos (sem nenhum serviço de limpeza ou de cama e banho)” (Abad 2015: 41), com o preço mais acessível de aluguel. O galinheiro, menor categoria de toda escala,

tem um único banheiro para todos os quartos, no fundo do corredor dois chuveiros, um par de vasos sanitários divididos por biombos de lata e um brumado espelho comum, na entrada, acima da pia. (Abad 2015: 41-42)

Impende, portanto, que as camadas sociais e a segregação retratadas no Hotel La Comedia também representam as relações complexas, incoerentes e intransigentes que marcam as cidades latino-americanas, assoladas pelas diferenças sociais acentuadas, pelo modelo econômico do capitalismo. Isso ratifica a ideia de que a cidade imaginada na literatura é carregada de símbolos que atravessam as memórias e as histórias do perímetro urbano. Ao citar Armando Silva, Jaeckel e Estupiñán discorrem sobre o liame denso e intenso entre a cidade e a criação literária, já que em uma dimensão simbólica, as percepções imaginárias podem representar as ideias e os sentimentos compartilhados por uma dada comunidade, o que permite dizer que o texto literário reflete formas de aprender o mundo e “funciona como uma exposição de diversos imaginários de habitar a cidade” (Silva *apud* Jaeckel e Estupiñán 2018: 58).

Os atores sociais que habitam cada casta da cidade ficcional *Angosta*, vivenciam experiências díspares em função das políticas excludentes; porém, é possível identificar, por sua natureza múltipla, diferentes cidades no mesmo terreno que recebem o mesmo nome. Além disso, a pluralidade cultural da cidade permite entender que as narrativas escritas na urbe coexistem num mesmo espaço, sendo que o sujeito habita a cidade e a cidade habita o sujeito, em movimentos permanentes de convergência e divergência.

Diante dessa abordagem, a cidade não é apenas um espaço de linguagens, mas também é um conjunto complexo de sentidos e sentimentos, isto é, uma cadeia diversificada de evocações, sonhos, imagens, escrituras e fantasmas que permeiam os imaginários urbanos. No romance, *Angosta*, a cidade imaginada costura a vida das personagens com fios tênues, aflorando a personalidade, a coletividade e a cultura do espaço citadino. Sendo assim, a imagem projetada desta cidade remete à escrita de outras cidades, em outros tempos e espaços, também marcadas pelo ódio, pelo crime e pela violência.

Seria um erro, nesse sentido, comparar a história narrada no livro com enredos que se multiplicam em plataformas de *stream*, os quais contam histórias fantásticas sobre a vida de narcotraficantes, contrabandistas, paramilitares e guerrilheiros. Essas narrativas articulam fatos, mas, ficcionalmente, tingem a vida dos personagens reais com dor, lágrimas e muito sangue, camuflando os horrores e as consequências sociais dos grandes negócios do comércio ilegal de armas e drogas.

Apesar disso, o imaginário da cidade retratada no romance *Angosta: a cidade do futuro* permite o estabelecimento de (cor)relações com imagens e contornos pintados pela indústria cinematográfica. Um exemplo que sintetiza os sentimentos e as vivências das personagens segregadas no espaço urbano é a série original da Netflix, *La Valla*, lançada em 2020. Essa série conta a história de um futuro distópico, ambientado em Madri, no ano de 2045, quando ascende ao poder político espanhol um grupo de ditadores, após o país ter logrado êxito na Terceira Guerra Mundial. No seriado de 13 episódios, é possível perceber que os habitantes compartilham sentimentos similares em função da desigualdade e coexistem num espaço violento e setorizado; pois, de um lado estavam os governantes e os membros da classe média alta, do outro lado os habitantes que tentavam sobreviver em meio ao caos, à degradação e à precariedade.

Este vislumbre de um futuro distópico é perceptível também no romance *Angosta*, que desenha com linhas precisas a luta pela sobrevivência em um mundo cruel e autoritário. Neste habitat denso despontam nas relações humanas —ficcionalizadas ou não— as incertezas, a indiferença, o medo, a autodestruição e a desumanização, devido ao contexto caótico e violento em que as personagens/pessoas vivem. A ideia de cidade, portanto, pode ser entendida no romance como marcação fronteira do espaço geográfico urbano, mas, a cidade é um local imaginário onde coexistem histórias, memórias e modos de habitar um determinado espaço comum, repleto de coincidências coletivas.

3. ANGOSTA: MESCLA DE REALIDADE E FICÇÃO

Nessa conjuntura sócio-histórica permeada pela desigualdade em Angosta, é imperioso ressaltar o compromisso social da literatura que, refunda, por meio da ficção, um mundo que carece ser questionado, (re)pensado, (trans)formado, com toda potência acolhedora da arte. Certamente, a força que emana da escritura literária de Héctor Abad, concomitantemente, acende o desejo de mudança não apenas da língua, mas intenta (re)acender a ânsia que provocam movimentos de ruptura e modificações sociais muito além da língua, do código escrito e de signos visuais. Esta intenção imbricada no livro *Angosta* é respaldada por Derrida, quando defende que:

Mesmo se não for um dever moral ou político [...], essa experiência de escrita está 'sujeita' a um imperativo: originar acontecimentos singulares, inventar algo novo na forma de atos de escrita, que não consistem mais num saber teórico, em novos enunciados constataativos; dar-se a uma performatividade poético-literária pelo menos análoga à das promessas, das ordens, ou a atos de constituição ou de legislação, que mudem não somente a língua, ou que, ao mudar a língua, mudam mais do que a língua. (Derrida 2014: 83)

As escritas literárias contemporâneas, como *Angosta*, têm buscado a alforria das categorias artísticas, em um modo sempre fora de si. Por causa do rompimento das fronteiras, é possível pensar a literatura num contínuo estado de esvaziamento, em que não se sabe, ou pouco importa saber, se os artefatos artísticos são ou não literatura. Nessa perspectiva, Ludmer (2007) versa sobre o estado pós-autônomo da literatura, a ampliação das categorias e o rompimento das fronteiras artísticas, como mostra o excerto abaixo:

Muitas escrituras do presente atravessam a fronteira da literatura (os parâmetros que definem o que é literatura) e ficam dentro e fora, como em posição diaspórica: fora, mas presas em seu interior. Como se estivessem em 'êxodo'. [...] Poderíamos chamá-las de escrituras ou literaturas pós-autônomas. (Ludmer 2007: 1-2)

Diante desses pressupostos, a diáspora proveniente dos atravessamentos artísticos borra as fronteiras que definiam a literatura, dado que o "êxodo" das composições antes fechadas, agora, se expandem e se movem em territórios variados, agregando sentidos múltiplos aos frutos estranhos, inesperados e indefinidos. Apesar disso, é importante lembrar que tais produções não são aleatórias e pouco significativas, pois, de acordo com Ludmer (2007), tampouco se sabe ou não importa, também, se as escrituras literárias são realidade ou ficção, o que ratifica a ideia de que, mesmo com os transbordamentos, a literatura, nem tampouco as outras artes, abandonaram o seu compromisso de denunciar os problemas da sociedade atual, caracteristicamente, excludente.

Sem dúvida, *Angosta* é uma representação de um mundo anômico, distópico e repleto de descompassos que tornam a cidade um inferno, um lugar temido, preso às forças obscuras que cortam as relações sociais, obrigando todos os habitantes a pedir licença para se deslocar. Enfim, a vida em Angosta vai além

da realidade, tecida por fios de poder que tudo determinam e controlam, talvez, por isso, é tão difícil compreendê-la e explicá-la. Não obstante, esse local alienado e alienável possui verossimilhança com a realidade social de várias metrópoles sul-americanas, rasgadas em pedaços, remendadas sem mostrar as suas costuras. Logo, é elementar a proximidade entre realidade e ficção no livro focado nesta análise, posto que o autor o assenta em um território fronteiriço, que motiva elucubrações sobre a arte contemporânea, e assim, conduz à arguição de que na obra abadiana há indícios nítidos desta conjunção, ou melhor, da disjunção realidade-ficção, como respalda Josefina Ludmer (2007), quando aborda o assunto:

As escrituras não admitem leituras literárias; isto quer dizer que não se sabe ou não importa se são ou não são literatura. E tampouco se sabe ou não importa se são realidade ou ficção. Instalam-se localmente em uma realidade cotidiana para “fabricar um presente” e esse é precisamente seu sentido. (Ludmer 2007: 01)

Em virtude destes pressupostos, percebe-se que em *Angosta* o presente é fabricado e remete à divisão social de qualquer país em desenvolvimento. Todavia, é imprescindível destacar que a cidade ficcional fruto do trabalho criativo de Abad, pode ocupar, diante dessa consideração, um campo poroso e expandido no universo artístico da qual se funda, uma construção complexa de ser definida e categorizada, como corrobora Garramuño quando defende que a

saída da especificidade do meio, do próprio, da propriedade, do enquanto tal de cada uma das disciplinas, uma expansão das linguagens artísticas que desborda os muros e barreiras de contenção. (Garramuño 2014: 15)

Nesse liame, o livro *Angosta* não se contém a uma história simplória, não se contenta com uma interpretação ingênua da urbe moderna; para além disso, a cidade do futuro/presente, *Angosta*, é uma linha “estreita” para entender as complexas dinâmicas das relações humanas contraditórias no espaço urbano opressor e excludente.

Partindo dessas inter-relações artísticas, históricas e culturais é necessário pontuar ainda a função social da literatura, como também as ideologias implícitas nos textos literários, dado que se percebe no livro *Angosta* intencionalidades quando tece críticas sobre as condições de desenraizamento, alienação e segregação socioespacial. Segundo Mikhail Bakhtin (2002) e Antônio Candido (1967), não existe literatura sem ideologias e desvinculada do contexto social. A conjunção entre literatura e sociedade é indispensável nessa análise, uma vez que a

função social independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura. Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, coroada pela comunicação. (Candido 1967: 54)

Nessa lógica, o livro *Angosta* possui uma função social explícita, sendo indubitável desvinculá-lo do contexto social que denuncia. Mais uma vez, mas não exaustivamente, cabe registrar que em *Angosta* a condição humana é posta à prova e levada ao extremo, pois os habitantes das castas mais baixas da pirâmide social sofrem situações que beiram o absurdo, devido ao estado de marginalidade e estranhamento. No Sektor C, por exemplo, vive-se o instante porque um assalto, uma bala perdida, um acidente fatal ou um golpe qualquer pode quebrar o frágil pêndulo da vida, de um qualquer sem nome. O contexto social das pessoas repudiadas pelo Sektor F, assim como a configuração das cidades latino-americanas com veias abertas, representa o cruel ambiente disforme de invisibilidade, onde os habitantes das camadas menos privilegiadas são levados ao extremo da miserabilidade e dissuadidos a aceitarem as privações impostas.

Esse contexto degradante contribui para que os residentes de Tierra Templada e Tierra Caliente se sintam estrangeiros em Angosta, mesmo sendo nativos do lugar. Por causa dessa condição, muitos angostenhos vivem em meio aos permanentes conflitos gerados pela ideologia única que padroniza a vida das personagens de cada bloco da cidade. Embora seja possível perante as leis um residente temporário se tornar morador permanente de Paradiso, benquisto pelo poder econômico, isso raramente acontece, o que contribui para a persistência da condição cíclica que passa de geração em geração, como pode ser notado no fragmento a seguir:

Quando a família cresce e os filhos se casam, os habitantes de Angosta jogam uma laje de concreto por cima do telhado da casa e constroem de improviso um segundo ou terceiro andar. O mesmo ocorre com a cidade, por falta de espaço; agora ela tem três andares, com um terraço em Tierra Fría e um úmido em Tierra Caliente. (Abad 2015: 7)

Em Angosta há poucos sonhadores dispostos a romper esse paradigma de continuidades e determinações sociais, porque existe um perigo permanente para os rebeldes contrários ao poder institucionalizado na cidade. Por esse motivo, Jaboco Lince e seus amigos, os poucos refratários ao império da desrazão, são perseguidos e extirpados para manter a ilusória ordem social, e por causa dessa alegação, muitos personagens são deslocados, condenados ao ostracismo, perseguidos dentro e fora do seu núcleo social.

Os descompassos da urbe moderna são perceptíveis na cidade estreita onde tudo acontece alegoricamente, com linguagem hiperbólica, até fazendo comparações dela com outras cidades e fatos históricos marcantes, que reverberam até o presente o sofrimento motivado por destoantes ideologias, sistemas econômicos e políticos. A título de exemplo, Virgínia, uma personagem que também vive no Hotel La Comedia, faz duras críticas à Política do Apartamento e compara os muros erguidos em *Angosta* com o muro de Berlim. Numa mistura de ressentimento e de ódio, a habitante do Sektor C diz que os

muros (in)visíveis foram construídos na cidade, não para impedir a saída, mas para impedir a entrada dos indesejáveis (Abad 2015: 190).

Nesse sentido, as fronteiras de Angosta limitam os personagens, segregam irracionalmente e alienam o corpo social, que entra em um estado permanente de morte em vida, em um exílio mais cruel do que o exílio das fronteiras, já que este anula o ser a não-ser. Diante desse prisma, o leitor é levado do êxtase da narrativa à perplexidade da segregação social grotesca hiper-realística pintada no livro do escritor colombiano. Por essa característica emblemática, Angosta pode fazer parte das literaturas do mundo, aquelas que atravessam os milênios e as línguas, atravessam as culturas e os sistemas de escrita e de sinais por elas utilizados, e segundo Ottmar Ette “apresentam-nos formas de vida e normas de vida das mais diversas relações de poder político e ordens econômicas, das mais diversas configurações biopolíticas e sociais” (Ette 2019: 27).

Com base nesse aspecto analítico, a cidade Angosta pode ser lida a partir de relações do poder político e das ordens econômicas típicas da urbe moderna, calcada no processo da globalização. Porém, cabe mencionar que o desenvolvimento das cidades na América Latina não coincide em tempo, espaço e ritmo, em consequência de certos processos de transformação em nenhum outro cenário. Findada a euforia inicial, o moroso progresso econômico das cidades latino-americanas provocou crises, fracassos e contradições na sociedade, submetida às forças do mercado da nova classe capitalista transnacional (Orueta 1997: 8).

Em face disso, é necessário reconhecer que cada região e/ou cidade no mundo apresenta uma história própria, relacionada às forças políticas e sociais locais, sendo inviável, nesse sentido, uma abordagem universalista sobre a globalização. Mesmo assim, é razoável analisar o livro *Angosta* como uma obra que contempla temas locais em nível global, um retrato dos costumes de uma cidade contemporânea afetada pelo capital, indo mais longe, um espelho grotesco e distorcido dos processos de urbanização latino-americanos, em função da globalização, que alterou o *modus vivendi* e a conjuntura social de grande parte das metrópoles em todo o mundo.

Com isso, não é raro perceber que na obra abadiana há encontros e desencontros, com a representação alegórica de um cenário urbano globalizado onde o dissenso se expressa de forma fragmentada e sem perspectivas de definição reducionista. A fragmentação do local reflete o esfacelamento identitário das personagens do livro; descentradas, múltiplas e variadas em virtude das amalgamadas manifestações dos três setores da cidade fictícia. Não apenas isso, as relações transculturais na produção de Héctor Abad ocorrem também porque o escritor transita entre mundos diferentes, contextos culturais dispares, escrevendo, desse modo, em interstícios de seus patrimônios culturais, o que Ette (2019: 35) chama de *literaturas transculturais*.

Esse ângulo analítico é muito relevante quando se trata do exame da cultura na literatura contemporânea, tanto a representada pelos personagens da obra

quanto as influências sofridas pelo escritor-imigrante, pois em ambas as análises se percebem reflexos da sociedade e dos movimentos culturais inerentes à urbe moderna. Como é sabido, as metrópoles são caracterizadas pelo cosmopolitismo, no qual não há espaço para sobreposição de culturas e apagamento do outro. Diante dessas aberturas —rompimento de fronteiras— propiciadas pelo fenômeno da globalização, as trocas culturais são frequentes, ocasionando a ausência de fixação das *literaturas do mundo*, já que elas são moventes, reativas a disciplinarização, desterritorializadas e plurilíngues, as quais derivam numa *literatura sem morada fixa*, polissêmica e polimorfa (Ette 2019: 35).

Nessa lógica, no caso da referida obra de Abad trata-se —em linhas gerais— de um exemplo singular da transversalidade da escrita literária, que de certa maneira, rompe as delimitações de outrora e dilata a ideia de literatura, cultura e unidade linguística. Logo, os intensos movimentos e mudanças do mundo globalizado ampliam não apenas o convívio mundial, mas também propiciam o surgimento de um núcleo de “escrita-entre-mundos” que atravessa línguas, culturas e épocas (Ette 2019: 34). Essas trocas litero-culturais ilustram como as literaturas do mundo se encontram e se diluem em relações abundantes baseadas nos movimentos dos mundos-ilhas e das ilhas-mundo. Tais conexões globais se fazem presentes no livro *Angosta*, já que a cidade é uma metáfora que representa em uma justaposição de realidade e ficção, as crises de várias metrópoles do mundo, atravessadas por problemas sociais acarretados pelo capitalismo.

4. CONCLUSÕES

Por fim, essa possibilidade interpretativa é levantada pelo fato de *Angosta: a cidade do futuro*, conseguir, como poucos, representar a realidade vivida e vivenciada em eras e sociedades distintas, e ainda, retratar, através dos meios da literatura, os descompassos encontrados em várias cidades do mundo. Por pintar com requintes de crueldade os horrores das metrópoles contemporâneas, Héctor Abad constrói uma imagem da sociedade maniqueísta proveniente da globalização acelerada e das desigualdades acentuadas pelo sistema capitalista. Por todas essas razões enumeradas, *Angosta* é a cidade do passado/presente/futuro, um resumo do mundo, uma cidade desenhada pelo escritor para representar o mundo.

Seguindo essas premissas, parece lógico, portanto, afirmar que Héctor Abad intencionava representar não apenas uma cidade qualquer ou especificamente uma cidade colombiana. Para além disso, a estreita *Angosta* é uma figura repleta de experiências coletivas do que poderia ser, posto que os estorvos da cidade estão vinculados às mazelas urbanas do planeta, desencadeadas pelas transformações sociais do processo de globalização.

O romance *Angosta: a cidade do futuro* se configura como uma diáspora proveniente dos atravessamentos artísticos que, consecutivamente, borra as fronteiras que definem a literatura, tendo no cerne de seu “êxodo” uma mescla

inconfundível de realidade e ficção, uma mistura de território físico e imaginário do espaço urbano baseado em sentidos e sentimentos. Além disso, o ambiente estreito da cidade retrata as estreitas relações sociais da urbe moderna configurada pelo neoliberalismo e pelas complexas dinâmicas globais de aproximações e exclusões. Nesse âmbito, as perplexidades da segregação socioespacial, irracionalmente, provocam um estado permanente de morte em vida na cidade, um exílio mais cruel que o exílio das fronteiras territoriais, porque anula o ser a não-ser, e conduz o sujeito da metrópole opressora ao salto (mudança), ao Salto dos Desesperados. Somente a literatura, como a escrita por Abad, para se tornar o último fôlego artístico que motiva reflexões sobre as nebulosas dinâmicas emaranhadas da vida, e sobretudo, dá ar à vida na sufocante floresta de pedra.

BIBLIOGRAFIA

- ABAD FACIOLINCE, H. (2015), *Angosta: a cidade do futuro*, São Paulo, Editora Companhia das Letras (trad. de Prates Goldoni, R., *Angosta*, Bogotá, Editorial Planeta, 2003).
- AGAMBEN, G. (2009), *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*, Chapecó, Editora Argos (trad. de De Nicastro, V., *Che cos'è il contemporaneo*, Veneza, Nottetempo, 2008).
- BAKHTIN, M. (2002), *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, São Paulo, Editora Hucitec (trad. de Fornoni Bernardini, A., Pereira Jr, J., Góes Jr., A., Spryndis Nazário, H. e Freitas de Andrade, H., *Voprosy literatury i estetiki*, Austin, University of Texas Press, 1986).
- BENJAMIN, W. (2016), *O anjo da história*, Belo Horizonte, Editora Autêntica.
- BOURDIEU, P. (2000), *O poder simbólico*, Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil (trad. de Tomaz, F., *O poder simbólico*, Lisboa, Difel, 1989).
- BORJA, J. (1997), «Las ciudades como atores políticos», *Revista América Latina Hoje*, 15, 15-20.
- CANDIDO, A. (1967), *Literatura e Sociedade*, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- DABÈNE, O. (1997), «Las narcodemocracias andinas», *Revista América Latina Hoje*, 15, 85-100.
- DERRIDA, J. (2014), *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*, Belo Horizonte, Editora UFMG (trad. de De Dias Esqueda, M., *Acts of literature*, Londres, Taylor and Francis Group, 1992)
- ETTE, O. (2019), «As literaturas do mundo: condições transculturais e desafios polilógicos de um conceito prospectivo», in *Translinguismo e poéticas do contemporâneo*, Lisboa, A. M. e Andrade, A. (coords.), Rio de Janeiro, Editora 7Letras, pp. 21-40.
- FAVERO, C. A., FREITAS, C. E. S. e TORRES, P. R. (eds.) (2020), *Distopias e utopias: entre os escombros do nosso tempo*, Salvador, EDUFBA.
- GALEANO, E. (2010), *As veias abertas da América latina*, São Paulo, Editora L&PM (trad. de Faraco, S., *Las venas abiertas de América Latina*, Montevideu, Siglo XXI Editores, 1971).
- GARRAMUÑO, F. (2014), *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*, São Paulo, Editora Rocco.

- JAECKEL, V. K. L. (2021), «Sobre ciudades y guerras», *Ensayos de literatura y cine contemporáneos*, 167-188.
- JAECKEL, V. K. L. e ESTUPIÑÁN, A. E. B. (2018), «Imaginários de cidade nos romances colombianos», *Revista: RUA*, 24, 55-70.
- LUDMER, J. (2007), «Literaturas pós-autônomas», *Ciberletras - revista de crítica literária y de cultura*, 17, 1-6.
- PREDOSA, C. e ANDRADE, A. (eds.) (2018), *Indiccionario do contemporâneo*, Belo Horizonte, Editora UFMG.
- ORUETA, F. D. (1997), «La ciudad en América Latina: entre la globalización y la crisis», *Revista América Latina Hoje*, 15, 5-13.
- SARLO, B. (2007), *O tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*, São Paulo, Editora Companhia das Letras (trad. De Freire d'Aguiar, R., *Tiempo pasado – Cultura de la memoria y giro subjetivo*, Buenos Aires, Siglo XXI Editores, 2005).
- TORO, V. (2013), «La ciudad-aleph: Angosta de Héctor Abad Faciolince», *Revista Amerika: memórias, identidades e territórios*, 09, 5-13.



Llevat que s'hi indiqui el contrari, els continguts d'aquesta revista están subjectes a la llicència de Creative Commons: Reconeixement 3.0 Espanya.